



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: HABILITAÇÃO EM
ARTES E MÚSICA

ANA CLÁUDIA ALVES CHAVES

A RELAÇÃO ENTRE OS JOVENS E O MST NO ASSENTAMENTO 1º
DE JANEIRO, PALMEIRAS DO TOCANTINS

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

ANA CLÁUDIA ALVES CHAVES

**A RELAÇÃO ENTRE OS JOVENS E O MST NO ASSENTAMENTO 1º
DE JANEIRO, PALMEIRAS DO TOCANTINS**

Monografia apresentada ao Curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música do Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins, Campus Tocantinópolis, como requisito parcial para avaliação na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música.

Orientador: Professor Dr. Maciel Cover

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C512r Chaves , Ana Cláudia Alves.

A relação entre os jovens e o MST no assentamento 1º de Janeiro, Palmeiras do Tocantins. / Ana Cláudia Alves Chaves . – Tocantinópolis, TO, 2018.

31 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientador: Maciel Cover

1. Juventude. 2. MST. 3. Comunidade. 4. Identidade. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANA CLÁUDIA ALVES CHAVES

**A RELAÇÃO ENTRE OS JOVENS E O MST NO ASSENTAMENTO
1º DE JANEIRO, PALMEIRAS DO TOCANTINS**

Monografia apresentada ao Curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música do Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins, Campus Tocantinópolis, como requisito parcial para avaliação na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música.
Orientador: Professor Dr. Maciel Cover

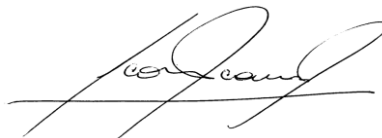
Data de Aprovação 13/03/2018

Banca Examinadora:



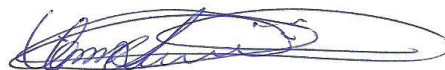
Prof. Dr. Maciel Cover (Orientador), UFT

Representante: Prof. Dr. Cícero da Silva



Prof.^a Msc. Cássia Miranda (Examinadora), UFT

Representante: Prof. Dr. Leon de Paula



Prof.^o Msc. Ubirantan Franciso de Oliveira (Examinador), UFT

TOCANTINÓPOLIS – TO

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha querida mamãe Maria Zete, que foi a pessoa quem me deu total apoio, desde o primeiro dia de aula até a minha conclusão do curso, a quem com muito carinho e paciência sempre me deu a mão, e que em nenhum momento me deixou desistir, Dedico também aos meus filhos; Elaine Cristina, Rafael e Rhenan Marciel aos quais dedico também toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a faculdade e o trabalho de final de curso. Sem ele, nada disso seria possível. Também sou grato ao senhor por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então.

Agradeço aos meus pais Vitalino e Maria Zete, que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis.

Aos meus amigos Poliana Matos, Maria Sônia, Laélia, Marlene, Luzirene e Adeane que não me deixaram ser vencido pelo cansaço.

Obrigada ao meu esposo que me estimulou durante o curso e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos.

Meus agradecimentos a minhas irmãs, em especial a Maria Gardênia, aos sobrinhos, tios e avós, que de alguma forma também contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

Agradeço ao professor Maciel Cover, responsável pela orientação desse trabalho

Agradeço a todos os professores, especialmente ao professor Ubiratan e a professora Cássia, que me deu todo o apoio necessário para nunca desistir sempre me dando incentivos.

Agradeço à Universidade Federal do Tocantins, por me proporcionar um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grato à cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição de ensino.

Ao pessoal da biblioteca, meu muito obrigado.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
UFT	Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

O assentamento 1º de Janeiro é uma conquista do povo com a organização e planejamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que por sua vez possui uma enorme quantidade de jovens que ali residem, e foi na perspectiva de passar entender a relação desses jovens com o MST, que foi o órgão protagonista na disputa pela terra e na conquista do assentamento, que resolvi escolher este tema para esta monografia, não foi muito fácil, pois no que se refere aos jovens, cada uma possui suas particularidades e costumes totalmente diferenciados o que nos dificulta fazer uma análise precisa de dados. Outro fator muito relevante a essa pesquisa foi a questão do MST começar a ser mais frequente no assentamento, chamando assim a atenção de jovens crianças e mais velhos para com o movimento. Existe um marco muito importante na conquista pela terra, pois em janeiro deste ano (2018), o assentamento fez 20 anos, tornando o assim o assentamento mais velho conquistado com luta pela reforma agrária no Tocantins liderado pelo MST. Foram entrevistados para esta pesquisa 10 pessoas, entre jovens e adultos, sendo que dois são do MST, com o objetivo de entender como é o tratamento do MST quanto aos jovens do assentamento, observar e analisar a integração destes jovens com a militância, levando em consideração alguns aspectos importantes para entender melhor cada opinião, aspectos como a cultura em particular de cada indivíduo, quais são suas prioridades em se tratando de esporte, lazer, trabalho e assim também suas perspectiva quanto aos estudos e futuro acadêmico. Os resultados foram satisfatórios, quanto a hipótese levantada, e que com rigorosidade dos pais, a frequência do MST e a intervenções da igreja, perspectiva destes jovens estar se modificando, no entanto deve ser feita uma pesquisa mais profunda em pesquisas futuras, e até mesmo algumas interversões, com projetos de apoio a esses jovens, para que venham sanar qualquer dúvida frequente, no decorrer deste trabalho será entendido melhor esta questão.

Palavras-chaves: Juventude; MST; Comunidade; Identidade.

ABSTRACT

The January 1 settlement is a conquest of the people with the organization and planning of the landless rural workers movement, which in turn has a large number of young people living there, and with a view to understanding the relationship of these young people with the MST, which was the main organ in the dispute for the land and in the conquest of the settlement, that I decided to choose this theme for this monograph, was not very easy, because in the case of young people, each one has its peculiarities and totally different customs. makes it difficult for us to make accurate data analysis. Another factor very relevant to this research was the issue of MST beginning to be more frequent in the settlement, thus drawing the attention of young children and older to the movement. There is a very important milestone in the conquest for the land, because in January of this year (2018), the settlement became 20 years old, making it the oldest settlement conquered by the land reform struggle in Tocantins led by the MST. Ten young people and adults were interviewed for this research, two of them from the MST, with the objective of understanding how the MST is treated in relation to the youth of the settlement, observing and analyzing the integration of these young people with militancy, consideration some important aspects to better understand each opinion, aspects such as the particular culture of each individual, wanted are their priorities in regards to sports, leisure, work and so also their perspective on studies and future academic. The results were satisfactory, regarding the hypothesis raised, and that with the rigor of the parents, the frequency of MST and the interventions of the church, the perspective of these young people is changing, nevertheless, a deeper research should be done in future researches, and even even some interventions, with projects of support to these young people, so that they can heal any frequent doubts, in the course of this work will be understood better this question.

Key words: youth; MST; community; identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO 1º DE JANEIRO	15
1.1 Acampamento e assentamento de reforma agrária: o caso do assentamento 1º de Janeiro	15
1.2 Aspectos da realidade educacional do assentamento	16
1.3 Aspectos da sociabilidade cultural: lazer e religião.....	18
2. RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
APÊNDICES	30

INTRODUÇÃO

O Assentamento 1º de janeiro surgiu no ano de 1998, e está localizado no quilometro 25 da BR 153 (Rodovia Belém-Brasília), no município de Palmeira do Tocantins. O mesmo ganhou este nome pelo fato de sua ocupação ter ocorrido exatamente no dia 1º de janeiro daquele ano. O acampamento teve a duração de 2 (dois) anos, durante esse tempo em que ficaram embaixo da lona preta e de casinhas de palha com a biqueira no chão, houve muitas lutas traçadas com os capangas do dono da fazenda, mas os acampados resistiram e conquistaram seu pedaço de chão. Neste assentamento, por diferentes razões, que não exploramos nesta pesquisa, alguns assentados acabam saindo de seus lotes e migraram para o subúrbios das grandes cidades em busca de um “futuro melhor”. Assim, negociaram suas terras ou até mesmo as abandonaram como foi alguns casos ali ocorridos, e as pessoas que compraram aqueles lotes não passam a dar o mesmo valor sentimental e sim financeiro. Essa mudança de sentido ao vínculo com a terra também pode influenciar na significação da trajetória histórica do assentamento, na significação das raízes e memórias.

Mesmo sendo um assentamento de reforma agrária, cogito a hipótese de que há uma transformação na identidade dos moradores deste assentamento ao longo dos anos, com isso, tenho a impressão de que a cada ano que se passa tanto os mais velhos estão perdendo suas raízes, quanto os mais novos estão se distanciando e criando certa aversão ao Movimento Sem Terra (MST), que em meu entendimento essa aversão muitas vezes é motivada pelas grandes mídias, canais de televisão como a Rede Globo que espalham de forma descontroladas comentários desconcertadores e por muitas vezes mentirosos contra o movimento, “baderneiros” como assim são chamados, mas também por motivos claros como as vendas de terras de antigos moradores, por que as pessoas que entra no assentamento quando não há mais lutas, e que não passaram pelos acampamentos de lonas pretas, não sabem o seu real valor, não sabem quanto sangue foi derramado quantas vidas se perderam, e o quanto foi difícil a aquisição das terras, pois chegam depois com alguns recursos financeiros e compram as terras dos menos desfavorecidos, que muitas vezes não conseguem se estabilizar na terra depois de obtidas. Como afirma Bergamasco e Norder (1996, p. 42):

De qualquer modo, após a (re)conquista da terra os assentados deparam com as dificuldades para garantir a viabilidade socioeconômica dos projetos, decorrentes em grande medida, do descaso de um poder público que não tem oferecido a necessária infra-estrutura social de saúde, educação, transporte, energia elétrica etc., nem uma política agrícola condizente com as especificidades socioeconômicas e regionais destes produtores.

As insuficiências em infra-estrutura são notáveis também neste assentamento. Como moradora do 1º de janeiro, tenho percebido que um dos fatores que vem prejudicando as famílias é a falta de acesso até os seus lotes, pois tem alguns lotes que ficam muito distante da beira da rodovia asfaltada, alguns deles chegam a 12 km de distância, de lama e estradas cortadas no inverno. Há lotes que para se chegar é necessário passar por dentro dos lotes de vizinhos, fato que gera atritos e conflitos. Dessa maneira alguns lotes ficam restritos e com difícil acesso, o que dificulta o convívio social. Outro notável problema é a falta de água. E com todos esses problemas muitos preferem desistir de seu suor, de seus lotes e procurar outros meios de vida fora do assentamento e levam juntos os seus filhos.

No ano de 2003 minha mãe, Maria Zete, fez a aquisição de uma parcela (lote) de terra no assentamento primeiro de janeiro. Aquisição essa, que teve o valor de 4 (quatro) mil reais na época, de uma moradora que tinha obtido terra durante a ocupação, não se sabe o motivo que levou a senhora vender a terra que minha mãe comprou, mais sei que o motivo da compra feita foi por que minha mãe, pois ela sempre teve vontade de ter seu próprio pedaço de chão para poder fazer suas plantações, no decorrido ano foi quando eu passei a residir neste assentamento.

No entanto, eu não gostei muito de estar ali no primeiro momento, pois como era uma adolescente criada até então no meio urbano, tive uma certa resistência, mas que foi se modulando no decorrer dos anos, passei a conviver com pessoas que gostavam de se integrar com outros, sempre fui muito passiva e com bastante facilidade de fazer amizades, o que foi muito gratificante. Nunca tinha tido proximidade com o MST. Eu já tinha ouvido falar do movimento, mas de maneira contrária ao que conheço hoje. Tive algumas amigas que eram militantes e que me passaram também uma outra visão, mas que só veio ficar bem clara na minha mente quando comecei a fazer o curso de Educação do Campo, que é um curso com um regime pedagógico que permite conciliar o trabalho e o estudo, no intuito de que as próprias pessoas que vivem no campo possam se tornar educadores e educadoras nestas áreas, pois não é fácil trabalhar e estudar e também continuar com as plantações, por que tem que se ausentar por muito tempo do seu lar. É um curso que leva aquele jovem sem esperança a ter uma carreira e uma mente com opiniões próprias.

E como afirma Boaventura Sousa Santos (2010, p.287) “[...] todo o processo de conhecimento é autoconhecimento. É também um misto de construção social e individual. Uma resultante de condições sociais, teóricas e biográficas”, fica claro meu interesse nesta investigação. Conhecer o assentamento onde vivo também é uma forma de me compreender melhor, nas lutas onde me insiro.

Neste sentido, para este trabalho de conclusão de curso, trabalhei com o seguinte Problema de pesquisa: Como o MST trata os jovens do assentamento, em que perspectiva é levada a participar como novos militantes e quais os benefícios trará para o futuro desses jovens e sua família? Minha pesquisa teve por objetivo geral, analisar a integração dos jovens do Assentamento Primeiro de Janeiro com a militância do MST verificando de forma minuciosa com atenção primordial aos seus estilos de vida. De maneira específica, pretendi angariar informações de integrantes do MST, averiguando qual o maior desafio em formação de novos militantes; verificar alterações no estilo de vida a partir da relação entre os jovens e o MST; identificar opiniões que divergentes dos jovens do assentamento entre si e a comunidade.

Minha hipótese foi a seguinte: no que se refere aos jovens é notável que a maioria deles não tem certo afeto com o MST pelo fato de que alguns deles já nasceram quando o acampamento já tinha virado assentamento e não tiveram nenhum tipo de contato com o pessoal do movimento ou com as lutas que tanto foram travadas para que as terras fossem conquistadas, muitas vezes seus pais não contam aos filhos suas e histórias pois não valorizam suas memórias, mesmo com tantas controvérsias alguns jovens mostram interesse em seguir como um militante buscando sempre o que é de direito para si e para sua família com garra e determinação.

E o papel principal do MST nesta fase é dar intermédios para que esses jovens possam ter uma visão diferente a seu respeito de forma a atender todas as expectativas, sanando dúvidas, dando apoio, mostrando o que fazer para que o jovem possa permanecer na terra e que não precise parar seus estudos para ir trabalhar fora, e que possam ter direitos que a eles são negados, como por exemplo o direito a ter um ensino superior de qualidade sem ter que deixar suas raízes campesinas, por que a educação do campo é um direito que com muita luta foi conquistado e que eles merecem e tem que dar valor a essa conquista.

Uns dos principais motivos da escolha do tema da minha pesquisa, foi levando em conta que os jovens do assentamento 1º de janeiro no município de Palmeiras do Tocantins vem ao longo dos anos levado a abandonar sua família, seus lotes em busca de oportunidades fora dele, e também pela marginalização que estar entranhada na vida de alguns deles, foi entender também qual a interferência que o MST estar buscando para solucionar estes problemas.

No decorrer desta pesquisa, foram levantados dados sobre a origem e criação do assentamento, a articulação das vilas, buscando de maneira a ser bem mais esclarecedor o possível, para se entender o que se passa na cabeça dos moradores, tanto jovens como adultos e crianças com idade média entre 8 e 12 anos, jovens de idades variadas e de mães de adolescentes que sejam militantes, e o que é mais importante e saber como é a relação entre os antigos moradores e dos moradores mais recentes do lugar. Foram entrevistados também alguns

representantes do MST, foi feita uma observação do cotidiano destes jovens, desta forma foram feitas comparações entre os depoimentos, verificando o que há de semelhante e diferente entre eles, fazendo uma comparação analítica entre as entrevistas e os textos lidos. A escolha dos entrevistados foi aleatória, buscando explorar resultados quantitativos e qualitativos a meu tema.

Cabe dizer que o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - hoje é considerado o maior e mais importante movimento social do Brasil, que traz como lema principal a questão dos trabalhadores rurais que lutam pelo um pedaço de chão para plantar e para viver, por um projeto reforma agrária. No Brasil a disputa de território é evidente desde o período da colonização portuguesa, e por isso ocorre um processo de desigualdade no acesso à terra que tanto prejudica os menos favorecidos, pois os grandes grileiros e os latifundiários obtém o poder sobre a terra de maneira desigual, isto não é de agora, pois historicamente os escravos e os pobres, não tinham o direito à terra, e o MST vem encabeçando esta luta para que os trabalhadores rurais possam ter direitos iguais assim como garante a constituição brasileira.

No período final da ditadura militar, na década de 1980, diversas ocupações de terra apareceram em diferentes regiões do Brasil. A organização destas ocupações gerou a fundação do MST, em 1984. Atualmente o MST está organizado em 24 estados brasileiros, tendo sua representatividade nacional. O MST, ao lutar por Reforma Agrária, também faz uma disputa de projetos na sociedade, como podemos ver:

Os objetivos do MST, para além da reforma agrária, estão no bojo das discussões sobre as transformações sociais importantes ao Brasil, principalmente àquelas no tocante à inclusão social. Se por um lado existiram avanços e conquistas nesta luta, ainda há muito por se fazer em relação à reforma agrária no Brasil, seja em termos de desapropriação e assentamento, seja em relação à qualidade da infraestrutura disponível às famílias já assentadas. (RIBEIRO, 2017).

Em Tocantins, o MST passou a ser organizado em 1997 e sua primeira ação foi a ocupação em Palmeiras do Tocantins, que gerou a criação do Assentamento 1 ° de Janeiro. Desta forma pode se entender a relação dos jovens com a vida no campo, que ainda há muito a ser feito para que essa relação se faça mais ativa e recíproca.

No dia 1 de janeiro de 1998 a terra foi ocupada, um grupo de companheiros com muita animação na mais perfeita união, toda manhã alguém tocava um búzio para começar as reuniões, para que ninguém ficasse confuso sobre a segurança e sobre os intrusos, tudo era bem organizado em alguns grupos e à frente de cada um tinha um representante que era chamado de coordenador para organizar o que ali era decidido e sempre tinha alguém do MST par comandar as assembléias o como sempre o grito de ordem “reforma agrária quando?” E o povo gritava e respondia “já”, tinha também

as músicas cantadas e entoadas com muito amor. (grifos da poesia de Gerardo Cardoso¹).

Ainda segundo o senhor “Gerardin” (apelido que lhe agrada e pelo qual é conhecido por todos do assentamento), quando alguém queria sair para algum lugar tinha que avisar, e ali por oito dias o esperavam. O MST também trazia um cestão² para alimentar a todos no início e logo depois o pessoal começou a cultivar e produzir a maioria dos alimentos, e logo chegou o fomento que era para o pessoal comprar ferramentas, houve algumas polemicas por causa de alguns que não tinham documentos e ficavam para as próximas etapas, mas tudo se resolveu com a ajuda do MST que lutou bravamente para tudo acontecer.

O autor Gilberto Velho discorreu em sua obra sobre como observar o familiar, ele defende que se deve manter certa distância que garanta que o investigador possa não tirar conclusões precipitadas sobre o que vai pesquisar, pois quando pesquisamos sobre um assunto que seja familiar ao nosso conhecimento temos tendências a fazer julgamentos errôneos ou até mesmo ter perspectivas inadequadas ao momento, de maneira que ele deixa claro ao fato de que as premissas das ciências sociais é que temos de ter objetividade em seu trabalho, esta questão é muito importante, pois, o fato de ser moradora do assentamento a ser pesquisado, pode levar a se entender que nem sempre o que pensamos ira ser a realidade dos fatos pois o familiar nem sempre é conhecido. No entanto como a própria ciência social defende a investigação sempre haverá um envolvimento inevitável.

Mesmo os jovens convivendo em um mesmo ambiente com outros jovens, sempre haverá aqueles que tenham pensamentos e opiniões diversificadas como podemos observar o que garante DETOGNI (2015) apud SANFELICE 2013

Sanfelice (2013) quando este escreve que os jovens não são constituídos por uma classe social, de modo a resumi-los. Para ele, juventude não se sintetiza por pessoas de ambos os sexos que se encontram em determinada idade com comportamentos definidos que os fazem distinguir, eventualmente, dos demais grupos sociais. Tão pouco a juventude distingue-se por uma identidade única no mundo, própria de si. “Há, pelo mundo, muitas e distintas juventudes. Os jovens, na verdade, constituem diferentes juventudes” (SANFELICE, 2013, p. 68).

Neste sentido afirmo que mesmo que os jovens do assentamento 1 de janeiro vivam em uma mesma vila cada um tem seu pensamento diferenciado e que suas atitudes serão o que se pretende ser estudas e pesquisadas para se entender a sua interligação com o movimento. No

¹Gerardo Francisco Cardoso, morador do assentamento 1º de janeiro desde o primeiro dia de ocupação, militante do MST, já lutou muito e ainda continua na luta juntamente com os companheiros, mas hoje com seus 80 e poucos anos de idade prefere ficar em casa com sua família e escrever seus poemas.(diz ele em conversa informal)

² Cesta básica com alimentos.

entanto se vivemos juntos, vislumbramos a possibilidade de lutar por uma causa que venha a beneficiar a todos os envolvidos, para haja uma transformação de mundo como podemos ver no que escreve Caldart (2004)

Somos diferentes e nos encontramos como iguais para lutar juntos pelos nossos direitos de ser humano, de cidadão, e para transformar o mundo. O respeito às diferenças faz o nosso movimento mais forte, mais bonito e mais parecido com a vida mesma, sempre plural em suas expressões, em seus movimentos (CALDART, 2004, p. 154).

Essa definição contribui no sentido de elucidar e direcionar nosso entendimento sobre os jovens de modo a vê-los socialmente e culturalmente, construídas por grupos sociais e pelos próprios sujeitos, reforçando a concepção de que juventudes não é algo que surge sem história, que em cada momento as gerações interpretam e dão sentido a outros elementos, portanto, a emergência de pontos de vistas diferentes sobre o mundo é evidente.

Organizo este trabalho em duas partes. O primeiro capítulo fará uma caracterização do Assentamento 1 de Janeiro. No segundo capítulo, apresento a discussão dos dados realizados sobre a relação entre a juventude e o MST. Dessa maneira, apresento alguns pontos para reflexão sobre a relação entre a juventude e o MST, com a esperança de contribuir numa leitura da realidade.

1. CARACTERIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO 1º DE JANEIRO

1.1 Acampamento e assentamento de reforma agrária: o caso do assentamento 1º de Janeiro

Os acampamentos de trabalhadores rurais são um importante instrumento de luta pela terra. Os acampamentos podem ser construídos na área que se pretende transformar em assentamento, ou à margem de rodovias, do lado de fora das fazendas. Cada um deles demanda estratégias de sobrevivência diferentes, mas todos visam explicitar a luta, pressionar governos e mobilizar a opinião pública sobre a questão da terra (FIGUEIREDO & PINTO, 2014). O acampamento é entendido pelo movimento social como um espaço privilegiado de formação dos futuros assentados (CALDART, 2004).

Já o assentamento de trabalhadores rurais ou de reforma agrária, tem sido a principal resposta do Estado à pressão exercida pelos movimentos sociais demandantes por reforma agrária, no caso do Brasil, se constituindo assim como uma tentativa de intervenção e controle do estado sobre um conflito social no campo (CAUME, 2002; MEDEIROS, 2003). O que diferencia essas duas expressões é que o acampamento é o estágio anterior à conquista da terra, e no assentamento o trabalhador já possui a posse da mesma.

O Assentamento 1º de janeiro foi a primeira conquista da luta pela reforma agrária no Tocantins liderado pelo MST. No dia 1º de janeiro de 2018 completaram 20 anos desde de que foi feita a ocupação da fazenda, que até então eram terras improdutivas. Segundo o morador S.L.M. ele estava em Araguaína, cidade onde morava antes de vir para o assentamento, quando recebeu uma carta de um integrante do MST, carta essa que, dizia que havia uma fazenda improdutiva e que ele estava convidado a participar da ocupação para que a terra fosse dividida.

Na época eu morava no bairro São João ai eu fiquei sabendo mais assim a gente teve no Bairro Raizal uma reunião muito grande do MST e a gente ficou sabendo que ia ter essa invasão aqui nessa fazenda não sabia onde era tá compreendendo a gente sabia que vinha no ônibus do aza branca lá de Wanderlândia , só que a gente não sabia aonde ia ficar né mais nos viemos junto era eu carmelita mei mundo de gente junto viemos pra ca chegamo aqui na entrada tinha seis pessoas aqui dentro do Maranhão pa ajudar agente aqui dentro era do movimento sem terra do MST era o Charles, o Sales tinha a as liderança do MST aqui esperando nois pa receber agente, ai o ônibus parou aqui na entrada e ela disse vamu descer todo mundo, pegar a troqueza e corta o arame, e vamo entrar, cortamo o arame e o cadiado e entramo cum ônibus, dois ônibus de araguaina e decimo po curral, durmimo la todo mundo junto (entrevistado7, 2018).

E foi exatamente na virada de ano que tudo aconteceu. Foi na noite do dia 31 de dezembro de 1997 para madrugada do dia 1º de janeiro do ano de 1998 que começou se

aglomerar pessoas vindas de vários municípios, alguns vinham em ônibus fretados pelo MST e outros chegavam pelos seus próprios meios. Todos que ali chegavam já iriam se organizando para acampar. No quarto dia de acampamento tinham 420 famílias querendo ganhar seu pedaço de terra.

O acampamento foi feito as margens do Rio Mosquito, a exatos 2 quilômetros de distância da Belém-Brasília, como explica o entrevistado 8.

...O acampamento foi escolhido num lugar onde tinha mais acesso pra gente ficar, mais perto do ribeirão é ai agente ficou ali pa que tinha um ribeirão ali perto, ai a gente arrachou e ficou ali. Era o MST que organizava tudo, fizemos uma roça comunitária muito grande roça boa de arroz, milho feijão, fava... (entrevistado 8, 2018).

Tinham pessoas acampadas no curral da fazenda, que também era próximo ao Rio Mosquito. A partir daí tudo era organizado pelo pessoal do MST, foram disponibilizadas cestas básicas para os acampados, mas pouco tempo depois, foram feitas roças comunitárias para garantir a sustentabilidade de todos que ali estavam presentes. Muitas pessoas desistiram algum tempo depois e foram embora, mas os que ali permaneceram tiveram êxito e conseguiram ganhar seu pedaço de chão.

O assentamento se formou com 160 famílias, que foram divididas em duas agrovilas. Uma a 1 km e meio da BR e outra a 5 km. Essa divisão foi feita por afinidade entre os moradores, ficando 120 famílias na vila Bom Jesus e 40 famílias na Vila União. Dos que permaneceram com suas terras, teve alguns que resolvem vender após alguns anos.

E não parava de chegar gente não no dia tinha umas 120 familia no dia no dia que nois chegamo aqui e ai chegamo aqui nos dois ônibus e ai quando foi no outo dia começou a chegar mais gente quando foi com quatro dia que nois tava aqui nois tinha 420 familia aqui dentro desse assentamento.(entrevistado 7, 2018)

De acordo com os moradores que resistiram e ainda estão ali, é resultado de bastante esforço e um motivo de muitas alegrias, se fazer presente e poder contar sua história para seus filhos, filhos esse que são os jovens que ali vivem.

1.2 Aspectos da realidade educacional do assentamento

De acordo com informações prestadas pelos moradores entrevistados, e pelo que consta no PPP da escola municipal Padre Josimo, elaborei um quadro de informações sobre aspectos da educação neste assentamento.

A primeira escola foi feita ainda no acampamento de palhas de coqueiro, tinha apenas um professor na época e os alunos estudavam no sistema multisseriado, e quando passaram do acampamento para vila, foi construído um barracão com duas salas de aula e uma cantina

construída de tijolos e coberta de telhas. “Nois fizemo um colégio la qui as travessa era de pe de coco, pé de coco dessa grussura assim agente ajuntava um horror de homem suspendia butava na na furquia fizemo aquele barracãozao parecia que era doze metro o barracão”(entrevistado 8, 2018)

As professoras da escola que no início se chamava ciranda infantil, foram os próprios moradores do assentamento. E chegou a atender 91 alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

O ensino foi otimizado com a construção de uma escola feita pelo prefeito municipal, com uma estrutura de três salas de aula, de tijolos e rebocada e uma cantina. Melhorando ainda mais com a chegada de quatro professoras concursados pelo município, o horário de funcionamento era matutino e vespertino, e daí passou a atender até o 5º ano.

Hoje em dia a escola conta com 5 salas de aula, sendo duas com ar condicionado e as outras três apenas com ventiladores, uma cantina, 2 banheiros sala de informática (com três computadores desativados), 1 sala de professores e um depósito, ainda conta com um projeto em construção de uma quadra de esportes que foi começada sua construção mais não foi para frente, a escola é murada e tem livre acesso à internet via Wi-Fi.

Segundo dados levantados recentemente por um dos agentes de saúde da comunidade, o número de jovens com idade entre 12 e 28 anos que ali vivem e de uma média de 154 jovens. Ao chegarem 6º ano do ensino fundamental alguns desses jovens passam a estudar em Palmeiras do Tocantins que é a cidade de qual o assentamento pertence. Porém este é um fato que deixam os pais bastante preocupados com o bem estar de seus filhos, pois alguns tem que acordar 4 (quatro) horas da manhã para se arrumar para ir para escola, os que moram nos lotes mais longe das vilas tem que pegar um outro carro, ou seus veículos de transporte (moto, pois tem lotes que não tem acesso para carro), até chegar ao ônibus escolar que faz o transporte até a cidade, e muitas das vezes só chega em casa lá pelas 12h:30m ou 13:00hs da tarde, este fator é apontado pelas famílias como o principal responsável pela evasão escolar, pois o jovens passam a destinar 9 (nove) horas dos seu dia para estudar.

Mas infelizmente uma boa parte destes jovens deixaram de estudar muito cedo para trabalhar e ajudar no sustento de seus pais, pois é muito complicado estudar e trabalhar na roça, ainda mais por que a escola de Palmeiras do Tocantins parou de funcionar a noite por alguns anos, pois a noite é o melhor horário para quem tem que trabalhar. Os únicos trabalhos disponíveis para os homens são: trabalhar nas roças de seus familiares ou até mesmo dos vizinhos de terra, fazendo diária em roçados, pastos, e jogando veneno, e alguns trabalham na sede do município e voltam para casa no final do dia, e para as mulheres, algumas ficam em

casa ajudando nos afazeres domésticos enquanto seus pais vão para as hortas ou roças, outras trabalham de manicure, pasteleiras e até cabelereiras e ainda tem as que trabalham também na cidade e voltam para casa ao final do dia.

No entanto a maioria desses jovens não estão estudando, que se percebe por três motivos: ou por não querem, por que não gostam, ou por causa de desmotivação vinda da família e da comunidade escolar.

1.3 Aspectos da sociabilidade cultural: lazer e religião

Quando se fala em lazer a primeira coisa que nos vem à mente é diversão, e diversão é crucial para uma vida mais alegre e para uma auto estima elevada, pois o lazer se relaciona ou bem-estar e a saúde, se divertir é ótimo para mente e para nosso corpo. No entanto o Assentamento 1º de janeiro por ser um lugar com precariedades de infra-estrutura, não tem muita variedade de lazer, os únicos meios disponíveis que podem desfrutar são: caminhadas ao fim da tarde, jogar baralho e sinuca com os amigos, tomar banhos no Rio Mosquito, nos finais de semana as pessoas se reúnem na beira do rio para tomar banho e fazer brincadeiras, jogar bola no campo que não possui gramado, apenas no barro, mais a maioria joga assim mesmo, fazem até campeonatos e disputam contra as comunidades e cidades circunvizinhas, nos finais de semana jogam futebol na quadra de esportes, que é onde se encontram quase todas as noites para conversar, namorar, usar o wi-fi da escola (que fica bem próximo) ouvir músicas (eles levam uma caixa de som amplificada). Não tem salões para festas, no entanto nos barzinhos sempre tem festas dançantes onde a maioria gostam de frequentar, ainda tem a tradicional festa de fim de ano, que já junta a festa da virada de ano com a comemoração do aniversário da comunidade, esta festa é a mais esperada por todos que ali residem, pois tem uma cavalgada que já virou tradição, pois reúne todas as famílias, os que não tem seu animal para cavalgar “cavalgam” de moto e até de carro, tem corrida de animais valendo premiação é tudo muito lindo.

A cultura é de fundamental importância para todos, e principalmente aos jovens, pois é através dela que torna possível conhecer preservar e conhecer, não somente a origem, mas como se dá a construção destes valores, no que se refere ao resgate de suas culturas.

Uma das festas de cultura popular que virou costumes entre os jovens de antigamente e que os jovens de hoje não deixam morrer, é a festa junina, ou “a festa das quadrilhas”, como é chamada por todos. Todos anos no mês de junho as famílias se reúnem na quadra de esportes

todas as noites para assistir o ensaio de seus filhos, e no final do mês, acontece a grande festa com artistas da terra, e todos se divertem a noite toda, dançando, comendo as comidas típicas e bebendo sua cervejinha.

Dentro do assentamento a questão religiosa é levada a sério pela maior parte da população, sendo ela evangélica ou católica, a comunidade conta com 4 (quatro) igrejas; sendo duas igrejas evangélicas da congregação “Cia de Seta”, uma na Vila Bom Jesus e Outra na Vila União, conta também com a igreja da congregação “Madureira” na vila Bom Jesus, e ainda uma igreja católica também na vila Bom Jesus. Os jovens têm uma frequência muito grande nas igrejas, isto influencia bastante em suas vidas, influenciam nas escolhas das amizades, nos lugares que frequentam e nas questões de virtudes.

Cada religião tem suas comemorações específicas, na igreja católica por exemplo, todos os anos no mês de agosto o festejo de “Bom Jesus da Lapa” que atrai vários moradores religiosos da região para prestigiar a festa, são nove noites, de missas, leilões, casamentos, batizados e muita comida.

Já nas igrejas evangélicas tem uma vasta variedade de festas comemorativas, uma delas é a feira de delicias, onde os moradores fazem comidas típicas para vender aos participantes da festa e também a população, tem a festa do círculo de oração, a “Santa Ceia” que é realizada no último domingo de cada mês, e outras comemorações como batismo nas águas e casamentos.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em minha pesquisa entrevistei 10 pessoas, entre jovens e adultos, sendo que dois são do MST. Passarei a descrever o perfil de alguns entrevistados para que se possa entender melhor o motivo de cada um deles para minha pesquisa.

Entrevistado 1

Do sexo feminino, tem 15 anos de idade, mora no assentamento desde que nasceu, estuda a 1ª série do ensino médio, no colégio Estadual Raimundo Neiva de Carvalho, no turno vespertino e vive com os pais, trabalha apenas em casa ajudando sua mãe nos afazeres domésticos e na igreja, é evangélica, tem o sonho de poder cursar nível superior na área de medicina.

Conheceu o MST em 2017, quando o mesmo preparou o I Encontro da Juventude da Regional Padre Josimo, neste encontro teve a oportunidade de se programar para poder ir a

capital do estado do Tocantins Palmas para o encontro Estadual da Juventude Rural. Onde pôde entender melhor qual o propósito de se lutar pelo que é seu por direito, aprendeu obre manifestações, sobre lutas e sobre direitos, mas confessa que ficou com bastante medo da polícia quando estava nas ruas protestando em Palmas. Sua família possui uma terra adquirida no âmbito da ocupação, antes de vir para o assentamento sua família era do município de Darcinópolis

Entrevistado 2

Do sexo masculino, tem 15 anos, mora no assentamento com sua avó desde o ano 2008, cursa o 9º ano do ensino fundamental anos finais no Colégio Estadual Raimundo Neiva de Carvalho, no turno vespertino, tem o sonho de cursa o ensino superior na área de medicina ou então educação do campo, não gosta de jogar bola, não trabalha mais ajuda sua avó nos afazeres domésticos, e como sua avó não tem esposo ele faz todos os afazeres cabíveis para ajudá-la, corta lenha, alimenta os porcos e as galinhas.

Antes de vir para o assentamento 1º de janeiro morava com seus pais no município de Filadélfia Tocantins, que também era um assentamento mas não era do MST. Sua avó conseguiu a terra por meio de compra, comprou de uma moradora que já não conseguia mais fazer bom uso da terra por sua idade avançada.

Conheceu o MST pela primeira vez em abril do ano 2017 em uma reunião feita pelo coletivo de juventude para organizar o primeiro encontro da Regional Padre Josimo, ele ficou muito empolgado com as Palestras do encontro, foi para o 1º Encontro Estadual da Juventude Camponesa do Tocantins. Obteve bastante aprendizado e se considera um militante do MST.

Entrevistado 3

Do sexo masculino, tem 22 anos de idade, solteiro, mora no assentamento desde de seu nascimento em 1999, não estuda, deixou a escola na 2ª série do Ensino Médio, não tem nenhuma pretensão de continuar seus estudos e muito menos cursar o nível superior, solteiro mora com sua mãe, trabalha desde de os seus 11 anos de idade, primeiro na roça com seus avós, e depois da maioridade começou a trabalhar em firmas e de diárias, quando encontra. Sua família veio da cidade de Wanderlândia, conseguiu a terra por meio da ocupação e ainda a possui até hoje.

Não se identifica com o MST, não acha relevante as questões que são abordadas pelo pessoal do movimento, ela considera também que a maioria das manifestações são formas de fazer quebraadeiras desnecessárias.

Entrevistado 4

Do sexo feminino, tem 34 anos, é divorciada, tem três filhos, mora no assentamento desde o dia da ocupação, tinha 14 anos na época da ocupação formada em pedagogia pelo PARFOR na UFT, ministrou aulas por 12 anos na Escola Municipal Padre Josimo, hoje é professora em uma escola particular na cidade de Estreito-MA pretende fazer Pós-graduação em geografia. Antes de vir para o assentamento morava em Araguaína com seus pais.

Ao chegar no acampamento participou ativamente das mobilizações a ocupação juntamente com os líderes do MST, participou de palestras e cursos ofertados pelo movimento, ela conta – “antigamente o pessoal era mais disposto a tudo”.

Entrevistado 5

Do sexo feminino, tem 35 anos, casada, tem duas filhas, mora no assentamento desde o ano 2000, terminou o Ensino Médio, é professora na Escola Municipal Padre Josimo, pretende cursar um curso superior na área de pedagogia, ingressou na no curso de Educação do campo na turma de 2015, mas desistiu por motivos de força maior. Antes de vir para o assentamento morava em Estreito-MA com sua mãe.

Conheceu o MST no mesmo ano em que chegou no assentamento, tinha 17 anos, participava dos cursos e formações que eram oferecidas pelos integrantes do movimento, par ela o movimento mudou seu modo de ver o mundo, ensinou muita coisa que vai levar para sua vida toda.

Entrevistado 6

Do sexo feminino, tem 50 anos, divorciada, tem duas filhas, mora no assentamento desde o ano 2002, estudou apenas até o 3º ano do ensino fundamental menor, mais pretende fazer o EJA para concluir o ensino fundamental anos finais, trabalha apenas em casa e na terra, tem criação de porcos. Morava em Colinas do Tocantins quando ficou sabendo que tinha gente vendendo as terras do assentamento então resolveu comprar uns dos lotes. Quando chegou foi incluída no PRONAF A, e pode se beneficiar de seus direitos como assentada.

Para ela o MST é um movimento sério que luta pelos nossos direitos incansavelmente, mais diz que a presença dele no assentamento estar meio escassa, que deveriam se fazer mais presentes para que os jovens possam ter a oportunidade de ter mais participação nas atividades, ensinar os jovens sobre lideranças e mostrar o porquê das lutas.

Entrevistado 7

Do sexo masculino, 56 anos de idade, separado, proveniente da cidade de Araguaína, estudou apenas a até a 4ª série do Ensino Fundamental menor, vive no assentamento 1º de janeiro desde o primeiro dia de ocupação. Antes de se residir em Araguaína, ele sobrevivia da

agricultura nas terras alheias no Maranhão, considera que o MST foi muito importante para sua vida e se considera ainda hoje um militante de carteirinha.

Entrevistado 8

Do sexo masculino, 80 anos de idade, casado, proveniente da cidade de João Lisboa no Maranhão, estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental menor, veio para o assentamento na época da ocupação nasceu e se criou trabalhado na roça, e desde 1962 já lutava pelo seu pedaço de chão pelo sindicato dos trabalhadores e nunca tinha dado certo.

Quando é perguntado para ele o que é o MST, ele não tem dúvida ao responder:

O movimento sem terra é eu sempre digo que o movimento sem terra ele é o rei fora do movimento da igreja espiritual e religioso o movimento de peso no Brasil é o movimento sem terra o MST os outro é um movimento que faz aquele arranque depois fica só querendo enganar empurrando com a barriga e o movimento sem terra não ele bota e pra vale mermo ele bota é pra ensina pra aprende a luta reivindica o que tem direito conhecer seus direito e deveres também né.(entrevistado 8, 2017)

Isto mostra que o MST é de fato muito importante para sua vida e de sua família.

Aqui exponho sobre as questões que são pertinentes a minha pesquisa.

Meu interesse de pesquisa foi observar a relação entre os jovens do assentamento e o MST. Considerei relevante olhar os seguintes aspectos para obter respostas a minha pesquisa. O primeiro aspecto é a relação entre os jovens e a vida no meio rural, por que ficam nas terra, porque saem, se estudam onde estudam, se trabalham, onde trabalham, como é adquirido o sustento da família, como se divertem, quais suas perspectiva de futuro tanto educacional quanto de emprego, trabalhando com a perspectiva de elucidar as questões pertinentes, de acordo a ter evidências que justifiquem ou desaprovem a hipótese por mim levantada. Contudo estudar a juventude é observar o presente e compreender o futuro da sociedade como pode ser observado na fala a seguir.

Trata se de um tema estratégico para o Brasil. Segundo a antropóloga Regina Novaes, especialista no tema, estudar a juventude é conhecer a sociedade e poder pensar, inclusive, em seus rumos. Dados do censo 2000 apontam que a juventude já compreende um quarto da população brasileira, representando 50.241.785 de pessoas entre 18 a 34 anos (faixa etária utilizada em países como Espanha e Cuba). A juventude foi considerada, durante muitos anos, um segmento social de segunda ordem no Brasil e no mundo. Após os anos 40 e 50, movidas por grandes transformações, conquistou pela primeira vez o direito de ser jovem, redefinindo estilos de vida, formas de atuação política, e passando a defender ideias como o amor livre, autonomia social, independência econômica e revolução cultural. (Helder Quiroga 2011)

Quando se observa o jovem é evidente notar que o jovem quer ser livre, quer ter sua independência, quando eles vivem no meio rural essa liberdade e independência passa ser limitada ou até mesmo restrita.

O segundo aspecto é a relação entre os jovens e o MST, como é o relacionamento entre o MST e estes jovens e vice-versa, saber se eles os veem como seus pais e familiares os veem, saber também qual as estratégias usadas pelo movimento para buscar para perto os jovens que querem se distanciar de seus lotes, e quais são as dificuldades que encontram neste ponto, sobre influencia e sobre a interação.

O terceiro aspecto é a visão que os jovens têm da relação entre o MST e a mídia, procura saber o que esses jovens pensam em relação ao que se é passado pela mídia quais são as opiniões que os jovens têm, a opinião da qual eles compartilham, quando a mídia reforça que são arruaceiros e os tratam como organização criminosa, como é recebido e selecionados as suas mentes.

Outro ponto que chego a cogitar como reflexão nesta pesquisa, refere-se a quebra da tradição das místicas, que é de fundamental importância para se entender melhor seu cotidiano, como podemos ver a seguir

A mística deve ser entendida como sendo um conjunto de motivações que sentimos no dia-a-dia, no trabalho organizativo, que impulsiona nossa luta para frente. Ela é responsável por reduzir a distância entre o presente e o futuro, fazendo-nos viver antecipadamente os objetivos que definimos e queremos alcançar (MST-A Questão da Mística no MST. São Paulo, abril de 1991, p.4).

Fez com que esses jovens se distanciassem do entender o seu cotidiano. Contudo se esses mesmos jovens pudessem o privilegio diário de fazer místicas que são de fundamental importância que esse enigma seja desarticulado, com informações que estabeleçam certa confiança. Por que é representando o dia a dia, que se entende melhor quais serão seus propósitos. Como explica Ademar Bogo (2010):

Ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa. Mas então, aquela apresentação que fazemos no início dos encontros, não é mística? É também. As pessoas que se envolvem na preparação querem expressar, através de uma mensagem, as razões pelas quais lutamos, criando, de forma imaginária, o mundo que queremos alcançar, para que os presentes vejam e se animem a ajudar a construir aquela ideia, aquele sonho. Por isto a mística é fundamental para a vida e para a luta. Sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perdemos a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa. Neste sentido, a mística se expressa de muitas maneiras. Cada militante, homem e mulher dão de si, aquilo que possuem como carisma, talentos ou habilidades, cooperando e oferecendo-se como elementos centrais do programa, sendo a parte física e mental da tática e da estratégia do programa.

E é por esse motivo inclusive que o Coletivo de Juventude Tocantins do Movimento Sem Terra articulou uma demanda para o assentamento que tem como teve como tema principal o resgate de jovens e adultos para que não se perca sua identidade e sua militância, o coletivo

entende que, partindo do pressuposto que o movimento é constituído por pessoas, cada um deve fazer sua parte nesta luta e resistência, não deixando morrer suas histórias e memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise dos dados constantes na minha pesquisa, que foi qualificada como pesquisa qualitativa argumentativa, sobre uma hipótese levantada, na qual vem demonstrar uma discussão a ser levantada, para melhor demonstração de resultados passo a fazer uma demonstração dos estudos, feito com os participantes moradores do assentamento 1º de janeiro.

É notável a partir da observação contínua do cotidiano dos jovens do assentamento que, a maioria dos jovens não tem um vínculo de proximidade com o MST, e isso se dá por um fato constante, que é a falta de um maior envolvimento entre esses jovens e o MST, envolvimento esse que, de acordo com eles deveria ser mais assíduo e frequente, com mais ações que estabeleçam um envolvimento mais acessível.

Ações como a que aconteceu ano passado (2017) que foi o I Encontro da Juventude Camponesa, que se nota que foi um evento que veio a resgatar um pouco da história e da memória de luta traçadas pelos primeiros moradores do assentamento, pois são essas memórias que não devem ser esquecidas e que devem passar de pai pra filho de geração em geração, gerando assim uma ação em cadeia que nunca vai deixar no esquecimento o fato de ter ocorrido uma luta por disputa de terra para se fazer reforma agrária, e que essa reforma agrária se deu no resultado que tem hoje, que é cada um com seu pedaço de chão para que possa plantar e colher, para assim ter uma geração de renda para que se tenha o sustento de suas famílias.

Os jovens entendem que a presença do MST no assentamento vai fazer toda diferença em questão de se estabelecer uma interação como mostra a fala seguir, que é de uma jovem moradora do assentamento e que disse na entrevista:

Bom, eu acho que os jovens de hoje aqui do assentamento não tem um envolvimento maior por causa que o MST deixou de vim aqui pro assentamento, eu digo mesmo que se eles viessem aqui todo ano como ele vinha quando nós era pequeno, tenho certeza que a vida desses novos jovens seria diferente, por causa que antigamente estavam mais presente aqui, eles faziam muitos cursos e palestras pra nós poder entender como que era pra nós seguir a nossa vida (entrevistado 4, 2018)

Deste modo podemos entender que realmente, o MST teve uma boa contribuição no modo de viver e de ver a vida, da primeira geração de jovens do assentamento, e que essa relação poderia ser levada em consideração pelo movimento.

Em se tratando da juventude do assentamento 1º de janeiro, vemos que a maioria dos jovens deixam o assentamento muito cedo, para ir em busca de oportunidade de trabalho e de

estudos, mas nem tudo é simples como eles imaginam, por que mesmo fora do assentamento existe um sistema de políticas públicas que deixam a desejar, como é o caso de vários jovens que saem do assentamento em busca de oportunidades de serviço nas cidades mas não conseguem, ou por falta de já ter experiência na área, por não ter um estudo compatível com o emprego desejado, ou até mesmo por falta de encontrar uma boa oportunidade, fazendo assim com que retornem para casa do seus pais no assentamento. E essa realidade não é só daqui como mostra a pesquisa a seguir.

Os discursos gerais mostram que os motivos pelos quais os jovens anseiam por sair do campo se voltam para melhoria nas condições de vida. Porém, nos questionamos se existe mesmo melhoria nas condições de vida destes jovens quando saem do lote. O que notamos, na verdade, é uma ilusão. A vida na cidade é sempre apresentada com a melhor opção. Isso está atrelado com a premissa de que o campo é arcaico ou atrasado, e que na cidade encontramos muitas oportunidades e facilidades. Mas, o que garante que esses jovens que saem do campo para a cidade encontrem melhorias nas condições de vida? Na verdade, não há garantia. Eles saem em busca deste objetivo de vida, mas quando se deparam com a realidade que os aguarda, logo percebem as dificuldades que terão que enfrentar. Essas dificuldades vão desde a adaptação com o novo, até o enfrentamento ao preconceito que ainda existe em relação ao sujeito do campo, sempre tido como aquele sujeito “rústico”, atrasado, cuja única coisa na qual sabe trabalhar é com animais e agricultura. (OLIVEIRA, RABELO e FELICIANO, p. 140,141. 2014)

O que mostra que essa realidade se expande em vários assentamentos, e que tão pouco se pode fazer para mudar a triste realidade, pois tudo que é novo pode assustar e assustar muito. No entanto se esses jovens permanecerem no campo, e tiverem um pensamento voltado para agricultura familiar, podemos gerar uma mudança neste quadro,

E como moradora do assentamento posso afirmar que esses jovens estão cada vez, mas se envolvendo no mundo do dos vícios, vícios como o álcool e as drogas, essa é também a realidade do nosso país e não só do assentamento, uma quantidade assustadora de adolescentes como idade entre 14 e 28 anos, estão se perdendo neste mundo, e até mesmo muitos adultos que são os que deveriam dar um bom exemplo para seus filhos e também aos outros jovens da comunidade, estão também entrando neste universo que distancia cada vez o ser humano da humanidade. Este é um fator que de muitas formas vem influenciando na vida e no cotidiano destes jovens levando muito deles a vida do crime, pois muitos deles não tem um emprego e consequentemente não tem dinheiro para manter seus vícios, gerando uma reação em cadeia chegando até mesmo a cometer pequenos delitos e/ou até mesmo roubos e furtos, isso acontece com muita frequência, até os próprios amigos são vitimados, por muitas das vezes até seus próprios familiares, se desfazem até seus bens matérias para conseguir dinheiro para continuar mantendo seus vícios.

Embora haja uma pequena porcentagem de jovens que aderem a vícios, existe outros que são totalmente o inverso, com ações mais tradicionais que obedecem aos pais, que frequentam sempre a igreja, mas isso se dá através de uma criação com regras e deveres e são instigados também pelas obrigações da igreja. No pequeno depoimento a seguir podemos entender um pouco da incansável observação dos pais.

Minha mãe e meu pai sempre me bota regras pra tudo que eu faço, é regra pra escola, de casa para escola e da escola para casa, regras para meu namoro, para sair com minhas amigas, tudo eles me botam regras, e não é só pra mim não, é pros meus irmão também, de primeiro eu achava ruim mais agora acho até bom, só assim nois num vira marginal.(entrevistada 1, 2018).

Este processo também deveria ser mais bem observado pelo movimento, e provavelmente seria a realidade de muitos e não só de alguns, para que essa realidade seja conquistada cabe a todos procurarem maneiras/formas de encontrar uma solução para tal problema. Seria viável fazer palestras frequentes de combate as drogas e ao alcoolismo.

Contudo posso concluir que a realidade dos jovens do assentamento 1º de janeiro não é muito diferente da realidade de outros assentamentos de reforma agrária, sem desmerecer suas particularidades, podemos perceber similitudes. Nas palavras do coordenador nacional do coletivo estadual da juventude sem terra pelo estado do Tocantins, que aqui vamos chamar de “representante 1 do MST”, quando o mesmo foi questionado em minha pesquisa, sobre a presença e as perspectivas do MST no assentamento 1º de janeiro:

“...É uma demanda, uma demanda dos trabalhadores rurais sem terra, é a organização da população do campo, dos camponeses, onde dentro do campo tem a juventude, e o MST se preocupa com essa juventude, onde nós aqui do Coletivo Estadual da Juventude do estado do Tocantins, temos a tarefa de organizar a juventude nas áreas da reforma agrária, e hoje estamos aqui no 1º de janeiro, realizamos o primeiro encontro da regional da juventude sem terra, com a perspectiva de deixar um coletivo organizado, para levar a demanda para a coordenação do assentamento e essa demanda é em todo estado do Tocantins, então a nossa função é deixa essa juventude organizada, por que a juventude tem suas pautas especificas, a juventude está inserida no assentamento, mas a juventude tem suas próprias demandas, que é o lazer, a educação, a mobilidade, a geração de renda que a gente também discute muito com a juventude do campo, que é um dos grandes motivos do êxodo rural da juventude. E a falta de geração de renda no campo, muita juventude nos espaços que a gente tem vivenciado é a retirada do jovem e da jovem do campo para cidade em busca de renda. Então a gente juto com o setor de produção e todo conjunto do movimento, a gente procura mecanismos de garantir a geração de renda da juventude sem sair do seu espaço que é o campo. A juventude tem vontade, e tem a necessidade de permanecer no campo mas acaba aparecendo outras demandas enquanto juventude que é o emprego e a geração de renda em si, então, nós procuramos mecanismos de debater coma juventude, pois as condições de quem nasce e cresce no campo para ir para cidade é mais complicada, então agente busca a permanencia do jovem e acreditamos que isso é na organização coletiva, que se discutimos todas as demandas da juventude. (representante 1 do MST,2017)

De acordo com o que explica o representante 1 do coletivo de juventude do MST, fica eminente que há uma grande preocupação por parte deles, em garantir a formação de novos

militantes sem deixar de lado os moradores mais antigos, garantir que esses jovens tenha uma geração de renda dentro do lote a partir da agricultura familiar, sem deixar de ter seus momentos de diversão e de lazer, é notável que se preocupam também com a mobilidade e ter a capacidade de mudar de pensamentos e o modo de ver a vida. Contudo há também uma preocupação como papel social de desta juventude dentro do assentamento para com o MST, como mostra a fala do representante 2 a seguir.

A juventude um papel fundamental dentro da nossa organicidade, como na continuidade da nossa luta, na continuidade da nossa tarefa revolucionaria da conquista pela terra...] [...criar uma identidade, mas não é só na faixa etária de juventude n´s trabalhamos a juventude para que a gente tenha ela inserida nos demais setores também assim como a gente já conseguiu ter na formação na educação, na comunicação, nós buscamos que a juventude seja protagonista nos espaços de vivencias dela, assim também como na universidade, e que tenha uma educação libertadora, tenha uma educação do campo.(representante 2 do MST, 2017).

A maioria destes jovens ainda não tem a percepção de que é parte desta história, mesmo que indiretamente, eles fazem parte desta história que por gerações vai ser contada, fazem parte da história de luta e vitórias conquistadas por seus familiares, e mesmo que não tenham vivido embaixo da lona preta por muitas vezes, essa ainda é sua história. E que sempre tenha o grito na garganta, “juventude que ousa lutar, constrói o poder popular!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGO, Ademar. **A mística: parte da vida e da luta.** diálogos, propostas, histórias para uma cidadania mundial. 2010. Disponível em <<http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html#Haut>> acesso em 22/ 02/2018.
- CALDART, Roseli Salette. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 214 p.
- CALDART, R. S. (2004). *Pedagogia do Movimento Sem Terra.* São Paulo: Expressão Popular.
- CAUME, D. J. (2002). A tessitura do “assentamento de reforma agrária”: discursos e práticas instituintes de um espaço agenciado pelo poder. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no mst,**Dourados – 2010
- MST-A **Questão da Mística no MST.** São Paulo, abril de 1991, p.4).
- FIGUEIREDO, G. C.; PINTO, J. M. R. (2014). Acampamento e Assentamento: Participação, Experiência e Vivência Em Dois Momentos da Luta Pela Terra. *Psicologia & Sociedade*; 26(3), 562-571.
- LUCINI, M.; ZAMBONI, E. **A história e memória na formação da identidade sem terra.**
In: FIRMIANO, FD. **A formação cultural dos jovens do MST: a experiência do assentamento MárioLago, em Ribeirão Preto (SP)** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica,2009. 288 p. ISBN 978-85-7983-043-3. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.
- QUIROGA, Helder. *Sociedade; Cultura e juventude.* Editora confiança. 2011. Disponível em << <https://www.cartacapital.com.br>>> acesso em 25/02/2018.
- OLIVEIRA, L.B.; RABELO, D.; FELICIANO, C.A. **Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa.** MUNDO DO TRABALHO,Revista Pegada – vol. 15 n.1 142 julho/2014.
- MEDEIROS, L. S. (2003). *Reforma Agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- MST-A **Questão da Mística no MST.** São Paulo, abril de 1991, p.4.
- RIBEIRO, Paulo Silvino. "O MST no Brasil"; *Brasil Escola.* Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/mst.htm>>. Acesso em 10 de julho de 2017.
- SANFELICE, José Luiz. Breves reflexões sobre “juventude” educação e globalização. In: MACHADO, Otávio Luiz. **Juventudes, democracia, direitos humanos e cidadania.** Frutal: Prospectiva, 2013. 406 p.
- PAVANI, Greti Aparecida. **O jovem e sua perspectiva de viver no campo: interior de Abelardoluz – SC.** Presidente Prudente, novembro de 2011.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. **cap., 9 observando o familiar**. Setembro 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Questionário aos mais velhos

1. Onde morava antes de vir para o assentamento? Me conte um pouco de sua trajetória de vida antes de vir para o assentamento.
2. Como ficou sabendo da ocupação?
3. Como foi seu acesso a ocupação?
4. Como era a organização dentro do acampamento?
5. E sobre o estudo dos seus filhos, tinha escola no acampamento? E a escola presente hoje no assentamento, qual é a história dela?
6. Gostaria que você pudesse fazer uma relação, do seu ponto de vista, entre os jovens do início da ocupação e nos primeiros anos de assentados com os que são jovens hoje.
7. No que se refere ao MST, você se considera um militante? Por que?
8. Na sua opinião qual a relação dos jovens com o MST hoje?

APÊNDICE 2

Questionário para os jovens

1. Questões necessárias
 - Idade
 - Estado civil
 - Qual sua religião
 - Escolaridade, estuda? onde
 - Pretende cursar superior? qual?
 - O que você acha do curso de educação do campo?
2. Há quanto tempo mora no assentamento?
3. Você trabalha? Qual sua ocupação?
4. O que você mais gosta de fazer para se divertir?
5. Você ou tem terra ou sua família?
6. Como sua família conseguiu a terra? Foi ocupação ou comprada?
7. Onde morava antes de vir para o assentamento?
8. Quando se fala em MST qual a primeira coisa que vem a sua cabeça?
9. Para você o que é MST?
10. Qual foi seu primeiro contato com o movimento?
11. Sua família compartilhada mesmo pensamento que você quanto ao MST?
12. Quando a mídia espalha comentários e reportagens falando que o MST tem mal conduta e que faz badernas e quebradeiras, qual sua opinião sobre esse assunto?
13. Por qual motivo você é ou deixa de ser um militante do MST?

APÊNDICE 3

Questionário aos integrantes do MST

1. Qual a perspectiva do Coletivo de juventude no MST no estado do Tocantins na organização da juventude do assentamento 1º de janeiro?
2. Quais as preocupações que o MST tem com a vida cotidiana dos jovens em geral?
3. Quais os motivos que levam os jovens ao êxodo rural no assentamento?
4. Como é organizado o mecanismo de geração de renda dentro do assentamento?
5. Qual o papel social da juventude no MST?
6. Quanto a formação política destes jovens o que se tem feito?
7. Qual é a preocupação que o MST tem em se tratando da educação destes jovens?
8. Por qual motivo o assentamento 1º de janeiro foi escolhido para sede do primeiro encontro da regional Padre Josimo, sendo que possui outros assentamentos na região?
9. Qual o significado histórico do assentamento para o MST?
10. Qual a maior dificuldade encontrada na formação de novas militâncias? há resistências?
11. Qual a maior expectativa, quanto ao reconhecimento do jovem às práticas do MST?
12. Que desafios são encontrados na tentativa de recuperação da identidade de ser sem terra, quanto aos jovens do assentamento 1º de janeiro em particular?
13. Quanto a mídia, quando eles o chamam de “organização criminosa”, o que o MST faz para contrapor esse pensamento na mente dos jovens?